

Supremo e TJ-RJ promovem exposição de processos históricos

05/06/2025

A depredação do prédio e do Estado de Direito, quando vândalos atacaram a sede do Supremo Tribunal Federal, deu tração ao projeto de preservação histórica da Justiça brasileira. Na gestão do ministro **Dias Toffoli**, em 2019, o museu da casa passou por um redimensionamento, com projeto do icônico arquiteto Paulo Mendes da Rocha.

A expansão foi planejada em três fases. A primeira foi concluída na gestão do ministro **Luiz Fux**, em dezembro de 2021, no subsolo do edifício sede. Mas foi na presidência do ministro **Luís Roberto Barroso**, ainda sob os eflúvios do execrável quebra-quebra, que o projeto desabrochou.

Barroso assinou com a Organização das Nações Unidas para a Educação, Ciência e Cultura (Unesco) acordo de cooperação técnica para a consecução da segunda e da terceira fases do projeto — ainda em fase de orçamento das obras.

Com a curadoria da Secretaria de Altos Estudos, Pesquisas e Gestão da Informação (SAE) do tribunal, o museu já exibe fotos e relíquias da história da Justiça brasileira — do seu órgão de cúpula, em especial. Na parte já concluída, esse túnel do tempo proporciona um gratificante passeio pela história.

No portal do STF, o [museu tem endereço próprio](#), onde é possível ver o bem-produzido vídeo “Do Solar do Lavradio à Praça dos Três Poderes”.

Ainda na difusão da cultura judiciária, menos conhecida do que deveria, existe a **Livraria do Supremo**, criada na gestão de **Gilmar Mendes**. Nos moldes da loja da Suprema Corte dos Estados Unidos, a livraria fica no andar térreo do prédio anexo ao edifício sede. Ali, os interessados podem adquirir livros, objetos e peças alusivas ao tribunal, como canetas, xícaras e blocos de anotações.

Pode-se adquirir ali a Constituição Federal em espanhol e inglês, além de obras interessantes e o Regimento Interno do STF. A Livraria do Supremo não tem CNPJ e os produtos são vendidos a preço de custo, sem lucro. Os valores são recolhidos diretamente ao Tesouro Nacional.

Na próxima semana, quarta-feira, dia 11, em cooperação com o Tribunal de Justiça do Rio de Janeiro, a SAE apresentará uma instigante exposição de processos históricos dos dois tribunais. A exposição será aberta durante o lançamento do **Anuário da Justiça Brasil 2025**, no Salão Branco do tribunal.

A exposição apresentará páginas dos autos do processo mais antigo do Rio de Janeiro de que se tem conhecimento. Data de 1735. É o inventário da Villa de São Salvador, em Paraíba do Sul, do tempo das Capitânicas Hereditárias. Terá também a página do banimento da família real, em 1889.

A mostra terá ainda julgamentos que mudaram a vida de muitos brasileiros, como o caso do assassinato de Ângela Diniz pelo playboy Doca Street. Foi a partir daí que se raspou do Direito brasileiro a tese da “legítima defesa da honra” — que absolvía maridos que se viam no direito de matar a mulher, com a suposição de que foram traídos.

Além de outros julgamentos, como a Chacina da Candelária e a adoção do instituto do divórcio, o visitante terá acesso a páginas dos autos do inventário dos artistas Tim Maia e Raul Seixas. Emocionantes como novelas, os registros mostram que a turbulência da vida dos dois grandes compositores prosseguiu mesmo depois que eles se foram.

Confira imagens do museu e da exposição:





Reprodução

Autos do inventário do abolicionista José do Patrocínio
Reprodução



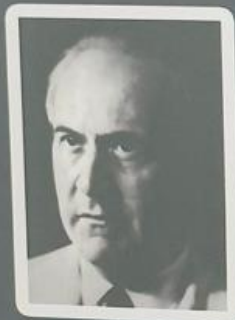
A linha do tempo da história do Poder Judiciário brasileiro
Reprodução

CRIADORES DA OAB



Francisco Gê Acaiaba de Montezuma

Presidente do Instituto dos Advogados Brasileiros (IAB) entre 1843 e 1851. Em 1850, pugnou pela criação da Ordem dos Advogados do Brasil (OAB) junto à Câmara dos Deputados, sem sucesso.



Osvaldo Aranha

Ministro da Justiça do Governo Provisório de Getúlio Vargas. Subscreveu o Decreto nº 19.408, de 18 de novembro de 1930, que criou a Ordem dos Advogados do Brasil (OAB).



André de Faria Pereira

Presidente da Corte de Apelação do antigo Distrito Federal. Propugnou pela inserção do Artigo 17 no Decreto nº 19.408, que tratava da reorganização daquela Corte de Apelação.



Levi Carneiro

Presidente do Instituto dos Advogados Brasileiros (IAB) entre 1928 e 1931. Em 1930, foi eleito primeiro Presidente da Ordem dos Advogados do Brasil (OAB), presidindo as duas instituições simultaneamente.

O Museu conta com uma ala reservada para a OAB e outra para a AMB
Reprodução



Visita da Rainha Elizabeth e do Príncipe Phillip à Suprema Corte
Reprodução



De 1975 a 1977 (Novembro) durou sua união com Glória Vaquer, daí nascendo Scarlet (1976); nesse período foram lançadas várias de suas composições.

De 1979 a 1984, durou sua união com Angela Maria Affonso Costa (Kika), com o nascimento de Vivian (1981).

De 1985 a 1988 (Outubro), esteve unido a Lena Coutinho, sua última companheira.

Veio a falecer, sozinho, em sua residência em 21 de agosto de 1989.

Afirmar, assim, que Angela Maria Affonso Costa (Kika) é viúva de Raul Seixas, é fantasioso.

Raul tornou-se um fenômeno popular, objeto de extensa e bem fundamentada reportagem na Revista "Veja" (nº 1364), comprovando-se que o êxito de suas músicas se deu "sem nenhuma ajuda oficial nem empresarial; seu fantasma puxa os pés da música brasileira".

Kika Seixas nunca foi empresária de Raul; apenas representou seu Espólio enquanto se processava o Inventário (1989/1992).

Por ser mãe da única filha residente no Brasil, Kika Seixas foi Inventariante do Espólio de Raul Seixas, processo concluído em 1992.

Pelo formal de partilha (7ª Vara de Órfãos e Sucessões), há 3 (três) únicas e exclusivas proprietárias dos direitos



SÁVEL
DE ÓRF
ADO I

Cart
o de
oooo
or ser
onten
drea
a Ma
(fls.
'fls.
refer
de Ja
20
xpec



Documento sobre a disputa entre as herdeiras do cantor Raul Seixas
Reprodução

Cinema: Filme de US\$ 35 mil vive fenômeno nos EUA - 4

Agamenon: Luciano Huck é uma versão fiel do Fausto - 10

Eu morri



DEZ ANOS depois de sua morte, Raul Seixas continua sendo um símbolo da rebeldia dos anos 70, e a utilização de seu acervo, que ainda guarda material inédito, é motivo de polêmica

há dez anos atrás

Raul Seixas é lembrado em show, relançamentos e por seguidores e amigos

'Ele escolheu seu caminho'

A idolatria a Raul Seixas é extremamente espontânea, não houve um lobby para isso e sim uma reação natural de sua fã. Raul está sendo o que sempre quis e não deve ser visto como um injustificado. Ele escolheu seu caminho.

Nunca respiquei a música só com Raul. Foi parte intensa da minha vida, me fez crescer e entender uma série de coisas: da importância da linguagem à arte de fazer letras. Nossa relação era totalmente passional, duas personalidades fortes em constante conflito. Mas isso que deu a personalidade ao trabalho. Não era sentir e fazer musicinhas, mas verdadeiros duetos. Como o fim da parceria tivemos contatos esporádicos mas, três meses antes da morte dele, pela segunda vez na vida saí no palco com Raul. Estava na França em agosto de

79, fazendo um e amimos, quando fui para lá e vim com três moedas para usar no telefone. Ela falou, "Conto ou não conto?" e quando deu a música da morte de Raul caiu a terceira. Sem saber as circunstâncias, fiquei em estado de choque, mas depois comecei a cantar e me deu uma extrema alegria, parecia que ele queria morrer. Fiquei cantando as músicas. Essa história não foi e o que me assusta. Em função do que está fazendo essa obra de Raul, no meio teológico preciso que não poluíssemos nada depois da minha morte. Estarei entre o Paraíso e a Habitação Terrena. Infelizmente, passar a tarde cantando nossas músicas.

EXPERIMENTO DE PAULO COELHO, autor e diretor de Raul Seixas

João Pimentel

Adaptado, profético, politicamente, lícito da rebeldia ligou a dos anos 70, Raul Seixas, o lobão que imaginou uma sociedade alternativa em plena ditadura militar e, principalmente, popularizou um rock temperado de lã, continua dez anos depois de sua morte, justificado estes adjetivos. O show "Raúl do Raul", que acontece na próxima quinta, no Metropolitan, além de recriar as de Zé Ramalho e Raul Vermelho, mostrará parte do acervo do autor de "Eu não há dez mil anos atrás" e "Gita", uma das cinco paródias de Rita Lee (feita a música). A peça "Raul Seixas, uma mermatose ambulante" com Roberto Drummond no papel do músico, que estreia em novembro, e o relançamento de sete de seus CDs pela Universal Music completam as homenagens.

O material inédito que continua a sair de seu lar sem fundo causa reacções contrárias como a de Paulo Coelho (quando a encerrada).

Rita Seixas, ex-mulher de Raul, diz que a utilização é católicas.

— Quero justiça no fim um acervo de Raul.

Uma frase do baú parece uma profecia de Raul. "O materialismo ao espiritualismo é uma questão de esperar: experimente se os limites do juízo."

Continua na página 2

'Mais vivo do que quando estava vivo'

Rita Lee

• Vixi, dez anos sem Raul e eu aqui ainda tocando "Gita" para o povo cantar e pular. O cara lá mais vivo do que quando ainda estava vivo, só!

Comprei Raul quando ele era um "caselinho" nascerdo no lugar errado, como dizia. Só falava inglês, adorava Elvis, desprezava Beatles e todos os artistas lusos. Seu mau humor era tão bom, tão bom, tão bom que acabou me inspirando na composição daquela escandalosa "Arrombou a festa" na qual Paulo Coelho e eu suplantamos várias pérolas da filosofia existencialista.

Uma vez, levei eu iniciada de hippie porambulando pelas ruas de Nova York quando vejo Raul vivo do lado contrário na mesma calçada parando de corou da cabeça aos pés. Ele não me reconheceu e decidi me fazer de míope. Passou por mim e deu a seguinte cantada "Hi knee, my name is...". Nunca mais o vi. Não acredito! Ele estava se fazendo de gringo, jogando as cartas de ganhos na cara de pau.

"Raul meu amor, você já me cantava 'Gita'?" Foi tão hilário quando ele me reconheceu, caímos na gargalhada e depois fomos dar umas banhas juntos pra falar mais de olho os músicos do planeta. No meu show no Metropolitan, dia 21, nos deu um abraço e me falou "Gita" sem Raul, eu localizei "Gita" com lembranças, depois do recei! Rita Seixas

RITA LEE, 2ª coluna

DA DA
PELO
FÃOS E
DO RIO
rio os
RAUL
xxxx
enças
ladas
isner
a de
0) a
2 e
é
iro,
Eu
je
do
de
ou é



Museu exhibe recortes de jornais sobre a carreira de Raul Seixas
Reprodução



Página de um inventário de 1735, o mais antigo processo do Rio de Janeiro
Reprodução

Cinema: Filme de US\$ 35 mil vive fenômeno nos EUA - 4

Agamenon: Luciano Huck é uma versão fiel do Fausto - 10

Eu morri



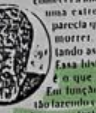
DEZ ANOS depois de sua morte, Raul Seixas continua sendo um símbolo da rebeldia dos anos 70, e a utilização de seu acervo, que ainda guarda material inédito, é motivo de polêmica

há dez anos atrás

Raul Seixas é lembrado em show, relançamentos e por seguidores e amigos

'Ele escolheu seu caminho'

A idolatria a Raul Seixas é extremamente espontânea, não houve um lobby para isso e sim uma reação natural de sua fã. Raul está sendo o que sempre quis e não deve ser visto como um injustificado. Ele escolheu seu caminho. Nunca esqueci a minha vida com Raul. Foi parte intensa da minha vida, me fez crescer e entender uma série de coisas: da importância da linguagem à arte de fazer letras. Nossa relação era totalmente apaixonada, duas personalidades fortes em constante conexão. Mas isso que deu a personalidade ao trabalho. Não era sentir e fazer musicinhas, mas verdadeiros duetos. Como o fim da parceria tivemos contatos esporádicos mas, três meses antes da morte dele, pela segunda vez na vida saí no palco com Raul. Estava na França em agosto de



79, fazendo um e amando o outro, quando fiquei para minha mãe, livre só com três moedas para usar no telefone. Ela falou, "Conto ou não conto?" e quando deu a notícia da morte de Raul caiu a terceira. Sem saber as circunstâncias, fiquei em estado de choque, mas depois comeci a cantar e me deu uma extrema alegria, parecia que ele queria morrer. Fiquei cantando as músicas. Essa história não foi e o que me assusta. Em função do que está fazendo essa revista, Raul, no meio testamento pediu que não publicassem nada depois da minha morte. Estarei entre o Paraíso e a Habita Maragosa. Inteira, passar a tarde cantando nossas músicas.

EXPERIMENTO DE PAULO COELHO, autor e produtor de Raul Seixas

João Pimentel

Adaptado o profético, polêmico, livre da rebeldia logo a dos anos 70, Raul Seixas, o bobão que imaginou uma sociedade alternativa em plena ditadura militar e, principalmente, popularizou um rock temperado de lalin, continua dez anos depois de sua morte, justificado estes adjetivos. O show "Raúl do Raul", que acontece na próxima quinta, no Metropolitan, além de recriar as de Zé Ramalho e Barão Vermelho, mostrará parte do acervo do autor de "Eu não há dez mil anos atrás" e "Gita", uma das músicas preferidas de Rita Lee (veja a matéria). A peça "Raul Seixas, uma marmalose ambulante" com Roberto Drummond no papel do narrador, que estreia em novembro, e o relançamento de sete de seus CDs pela Universal Music completam as homenagens.

O material inédito que continua a sair de seu legado tem vindo causar reações contrárias como a de Paulo Coelho (veja a matéria).

Rita Lee, ex-mulher de Raul, diz que a utilização é catófica: "Shame pagaria no livro um acervo de Raul". Uma frase do baú parece uma profecia de Raul: "O materialismo ao espiritualismo é uma questão de esperar: respirar e os limites do juízo". Continua na página 2

'Mais vivo do que quando estava vivo'

Rita Lee

Vivi dez anos sem Raul e eu aqui ainda tocando "Gita" para o povo cantar e jogar. O cara tá mais vivo do que quando ainda estava vivo, só? Cantei Raul quando ele era um "cassete" nos shows no lugar errado, como dizia. Só falava inglês, adorava Elvis, desprezava Beatles e todos os artistas lusos. Seu mau humor era tão bom, tão bom, tão bom que acabou me inspirando na composição daquela escandalosa "Arrombou a festa" na qual Paulo Coelho e eu suplicamos várias pérolas da filosofia rastafálica. Uma vez, lava eu iniciada de hippie perambulando pelas ruas de Nova York quando vejo Raul vivo



do do lado contrário na mesma calçada parando de couro da cabeça nos pés. Ele não me reconheceu e decidi me fazer de miquê. Passou por mim e deu a seguinte cantada "Hi knee, my name is...". Nunca acreditei. Ele estava se fazendo de gringo, jogando na cara de paninha. "Raul meu amor, você tá me passando a mão na cabeça?" Foi tão hilário quando ele me reconheceu, caímos na gargalhada e depois fomos dar umas banhas juntos pra falar mais de olho os nossos do planeta. No meu show no Metropolitan, dia 21, nos deu um abraço e me falou "Gita" sem Raul, eu localizei "Gita" com lembranças, depois do show Raul Seixas

REDA LEE, 2 e continuou



Registro da primeira composição plenária do Supremo Tribunal Federal
Reprodução

Documento em exposição no Museu do STF
Reprodução



Maquete mostra como será o museu quando estiver concluído

Fonte: <https://conjur.jumps.com.br/2025-jun-05/supremo-e-tj-rj-promovem-exposicao-de-processos-historicos/>